Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Perfis feministas no Twitter: lógicas de vigilância na circulação discursiva[1]

Feminist profiles on Twitter: vigilance logics in the discursive circulation

Martina Pozzebon
Diosana Frigo

Palavras-chave: Midiatização; Circulação; Vigilância; Twitter; Feminismo.

Na área da Comunicação, tornaram-se habituais estudos sobre mídia e tópicos acerca de questões sociais, isto porque, a vida social encontra-se entrelaçada com as mídias – e, pode-se dizer que, são linhas indissociáveis. Atualmente não apenas mostra-se o que se vive nas redes sociais digitais, mas se vive, em si, nelas; parte-se, assim, de uma esfera do contexto da sociedade em midiatização.

De acordo com Fausto Neto (2008, p. 92) as mídias "não só se afetam entre si, se inter-determinando, pelas manifestações de suas operações, mas também outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento". Ou seja, as mídias podem ser vistas dentro de uma ambiência complexa, que desencadeia vias de sentido, apresentando-se como uma nova ordem comunicacional entendida como midiatização. Em consonância, Verón (2014, p. 15) relaciona o conceito da midiatização numa

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

perspectiva de longo prazo; avançado, ainda não completo, caracterizando este processo como uma "sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências".

Dito isso, percebe-se que muitos dos processos e lutas sociais encontram-se, na atualidade, no que se pode denominar ambiente midiático e é neste ambiente que circulam - assim como circulam opiniões, pensamentos e informações. Com isso em vista, resgatam-se estudos acerca da teoria de vigilância de Foucault (1979), que elabora a análise do panóptico:

> este aparece como uma lógica tecnológica que, distribuindo espaços e olhares produz um sistema capaz de organizar os princípios de disciplina e vigilância, já que o olhar do outro, sendo sempre possível enquanto vigilância, geraria um sistema de interiorização das regras e das normas, fazendo surgir os chamados corpos dóceis. (TUCHERMAN, 2005, p. 4).

Ademais, inspirado pelos estudos de Foucault (1979), Deleuze (1999) argumenta a existência de algo a mais do que uma Sociedade Disciplinar, mas de uma Sociedade do Controle, em que as "forças" de vigilância não são visíveis, mas estão presentes. Ainda, diante das lógicas de vigilância de Foucault (1979) e como essas configurações são exercidas por um "poder maior", de maioria política, percebe-se uma mudança de eixo no momento em que redes sociais digitais redirecionam o poder a partir de que se tornam meios de discurso para a minoria social, para o previamente disciplinado.

Portanto, torna-se relevante investigar como se performa o uso das mídias de acordo com as observações de Foucault (1979) e Deleuze (1999) sobre vigilância (Sociedade Disciplinar) e Sociedade de Controle. Desta vez, não observado a partir do uso de forças disciplinadoras e majoritárias, mas de grupos e movimentos de minorias sociais, como o movimento feminista, em prol de corrigir, informar, disseminar e debater a sua causa.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Assim, é possível exemplificar momentos em que esta lógica de poder é deslocada, como e por quais motivos ocorre, ou seja, como o movimento feminista utiliza o que Foucault (1979) denomina lógicas de vigilância, que podem ser percebidas na circulação de discursos em redes sociais. Percebe-se como importante tal discussão, tanto pelo contexto da sociedade em midiatização, tendo em vista que a circulação em fluxo adiante (BRAGA, 2017) é intensificada com as apropriações das redes sociais digitais; tanto pelo contexto político brasileiro, em que há polarização de forças com a ascensão de movimentos de direita, que exercem determinado poder na ambiência digital, ao mesmo tempo em que pode se dizer como histórica a ocupação desses espaços por grupos minoritários socialmente.

Então, para dar embasamento a este estudo inicial, são importantes contribuições que abordaram tanto a vigilância no contexto da midiatização, como a nova configuração do discurso feminista nas mídias. Bruno (2006) estudou os dispositivos de vigilância no ciberespaço; Tomazetti (2015), o feminismo na era digital; assim como Santini et al. (2017), que estudaram o "Feminismo 2.0" também com análise para o movimento nas redes sociais. Ainda, destaca-se que o foco de estudo está nas ambiências e no que há de comunicacional no que se pode chamar de feminismo contemporâneo[2], que produz diversos discursos nas redes sociais digitais:

> de um lado, através da crítica, tanto prática quanto acadêmica, e, de outro, pelo uso alternativo de mídias no embate e enfrentamento dos discursos dominantes. Assim, através da necessidade de se construir com um discurso próprio, provocar mudanças e empoderar as mulheres, o movimento feminista passa a organizar sistematicamente

[2] Referendam-se outras áreas para estudos de recuperação histórica do movimento, por exemplo, as Ciências Sociais. Ratifica-se que esta pesquisa pressupõe interesses essenciais à Comunicação.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

> a produção de seus espaços de comunicação. (TOMAZETTI, 2015, p. 4).

Desse modo, investigando a contemporaneidade das atuações de movimentos entrelaçadas com as redes sociais digitais, podem ser resgatadas reflexões de Foucault (1979) e Deleuze (1999) acerca da Sociedade em Vigilância (Disciplinar e de Controle). Considera-se que na contemporaneidade há um mundo de informações e visibilidade e nos tornamos "um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder" (FOUCAULT, 1983, p. 170). Isto é expresso a partir do momento em que surge uma ferramenta sócio-técnica de comunicação e novas maneiras de uso que modificam a teoria e permitem a quebra da espiral do silêncio (NOELLE-NUEMANN, 2005): o uso das redes sociais digitais como espaços públicos para se discutir assuntos pessoais, políticos, sociais, etc. Isso porque a "opinião dominante é exercida em espaços formais ou semi-formais, e as redes sociais configuram um espaço potencialmente informal e horizontal de discussão" (SANTINI et al., 2017, p. 4). Assim, apresenta-se a rede social digital de estudo nesta pesquisa: o Twitter.

A rede social digital Twitter possui potencial para ser vista como um dispositivo de vigilância, afinal, caracteriza-se por usuários compartilhando informações e opiniões enquanto outros usuários podem ler, interagir, corrigir, discordar e argumentar.

> Diversos autores veem aí uma espécie de superpanóptico, que não mais se restringe aos espaços fechados das instituições, mas se estende tanto sobre dimensões alargadas do espaço físico quanto sobre o ciberespaço, ampliando enormemente o número de indivíduos sujeitos à vigilância. (BRUNO, 2006, p.3).

Ou seja, o que Deleuze (1999) poderia denominar atualmente como um "dispositivo de controle", serve como fundo para uma análise de tweets com teores machistas realizados por homens na rede social digital ou críticos do movimento

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

feminista. Para Deleuze (1999), a Sociedade de Controle concretiza-se em um ambiente de avanço das tecnologias de comunicação. O que o filósofo denomina "palavras de ordem" refere-se a estas informações/discursos transmitidas a todo tempo e lugar nas redes sociais digitais, capazes de influenciar, transformar e moldar os demais discursos. Desta forma, percebe-se uma prática remodelada e atualizada de um sistema de vigilância.

Cabe dizer ainda que esta dinâmica de "correção" e atenção dá-se em setores midiáticos, como as redes sociais digitais, com discursos que se originam na própria rede ou com produções feitas "no mundo real" e circuladas na rede, como vídeos de passeatas, atos, falas, etc. Sendo assim, a vigilância ocorre por meio das mídias, mas o movimento manifesta-se em ambos os setores, midiáticos e não midiáticos, com uma organização de mesmo formato.

Bruno (2006) trabalha com o conceito de dispositivos de vigilância no (que ela opta por chamar) "ciberespaço", englobando as redes sociais digitais. Com inspiração em suas pesquisas fundamentadas em Foucault e Deleuze, explora a ideia de atualização dos conceitos de vigilância e controle na sociedade em midiatização. Em paralelo a isso, há o apoio nos estudos de Borelli e Flôres (2016) quanto à relação de Foucault e Deleuze e a midiatização; ainda, ressalta-se que não se parte de determinismo tecnológico ao abordar vigilância e controle, mas sim das lógicas aplicadas a partir dos indivíduos vigilantes nas redes sociais digitais que, por exercerem seu olhar disciplinar, constituem entre si e a rede social digital em que atuam, um dispositivo de controle. Compõe-se assim um novo cenário sócio-técnico-discursivo (FAUSTO NETO, 2010).

Então, o estudo tem como objetivo analisar como participantes de perfis feministas produzem lógicas de vigilância para fazer circular suas ações no Twitter. Para isso, observa-se a configuração da circulação midiática, conceito abordado por Fausto Neto (2013), e as relações estabelecidas e construídas entre os participantes. A

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

partir da lógica da rede social digital Twitter, que comporta inúmeros modos de interação, como retweets, possibilidades de responder qualquer usuário, menções de tweets, etc, surgem diversas situações que podem ser exploradas.

Assim, tendo como base os conceitos de midiatização, circulação e vigilância, observam-se no Twitter interações em que participantes de perfis feministas corrigem, esclarecem dúvidas, abordam conceitos, promovem discussões e críticas de outras participantes feministas ou de terceiros, em comentários feitos para outra participante de um perfil feminista ou em tweets feitos por outras pessoas sobre assuntos repercutidos nas redes sociais. Para isso, elegeram-se dois momentos no reality show Big Brother Brasil (BBB 2020) que mobilizaram debates relacionados às temáticas feministas.

O primeiro movimento a ser observado nos perfis feministas no Twitter, são as circulações de discursos sobre um plano traçado por alguns dos homens do reality para "manchar" a imagem de algumas mulheres no lado de fora da casa em que estavam confinados, desestabilizando participantes comprometidas. O segundo momento, diz respeito à idealização de uma final inteiramente feminina, debate realizado dentro da casa e fomentado posteriormente nas redes sociais digitais.

Dito isso, a fim de seleção dos perfis para análise, optam-se pelos que compartilhem em seu "user" (nome, biografia ou "header") algo que sinalize sua vinculação ao feminismo, seja o termo ou símbolo – conforme recorrências já observadas. Após esta primeira verificação, selecionam-se os perfis mais ativos e com mais seguidores.

Ainda, para compor o *corpus* de análise e investigar como participantes de perfis feministas produzem lógicas de vigilância para fazer circular suas ações, utiliza-se a Análise de Discurso a partir de Foucault (2009), visando reunir enunciados e identificar formações discursivas em suas regularidades. Com base também em Orlandi (2009) são estabelecidas avaliações à noção de inter e intradiscursos. Para que, então, possam ser

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

observadas práticas com fins disciplinadores e informativos nas formações discursivas percebidas na circulação de discursos de participantes de perfis feministas no Twitter.

Referências

BRAGA, J. L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (org.). *Matrizes Interacionais*: *A Comunicação Constrói a Sociedade*, vol.2. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

BRUNO, F. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* VIII(2): 152-159, maio/agosto, 2006.

DELEUZE, G. ato de criação. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 1999.

FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. *Matrizes*, 8(2):89-105, 2008.

_____. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, A.; VALDETTARO, S. (Org.). *Mediatización, Sociedad y Sentido:* Diálogos entre Brasil y Argentina. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, v. 1, 2010, p. 2-17.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: GOMES, P. G.; BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. (Org.). *Dez perguntas para a 17 produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

FLÔRES, V. dos S.; BORELLI, V. Poder, vigilância e midiatização: o controle rizomático da Amazônia. *Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais*, Unisinos, 2016.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2009.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

NOELLE-NEUMANN. E. Spiral of Silence. In: *A First Look at the Communication Theory*, 7 th Edition. EUA: McGran-Hill, 2005, p. 372-382.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso:* princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p

SANTINI, R. M.; TERRA, C; ALMEIDA, A. R. D de. Feminismo 2.0: A mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). *P2P & inovação.* Rio de Janeiro, RJ, v. 3 n. 1, set./mar. 2017

TOMAZETTI, T. O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. *Razón y palabra:* ingeniería en comunicación social, Número 90 Junio – agosto, 2015.

TUCHERMAN, I. Michel Foucault, hoje, ou ainda: do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 27, agosto 2005.

VÉRON, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

_____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZes*, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014.